



Números-Chave do Ensino das Línguas nas Escolas da Europa 2012

O relatório “Números-Chave do Ensino das Línguas nas Escolas da Europa 2012” consiste numa análise abrangente dos sistemas de ensino das línguas em 32 países europeus. Mais precisamente, o relatório combina informação estatística com informação qualitativa de forma a analisar o contexto e a organização do ensino das línguas estrangeiras, os níveis de participação dos alunos, assim como a formação inicial e contínua de professores de línguas estrangeiras. Para além de um retrato da situação atual, o relatório apresenta, também, várias séries temporais que são particularmente importantes na identificação de tendências no ensino das línguas ao longo dos anos mais recentes e das décadas passadas.

Os 61 indicadores presentes no relatório são na sua maioria obtidos a partir de quatro fontes distintas: a Eurydice, o Eurostat, o Inquérito Europeu sobre Competências Linguísticas (*the European Survey on Language Competence – ESLC*), e o inquérito internacional PISA 2009 da OCDE. Ao conjugar as várias fontes de informação, o Números-Chave do Ensino das Línguas nas Escolas da Europa 2012, disponibiliza informação abrangente que serve de apoio à formulação de decisões políticas e à melhoria da qualidade e da eficiência no ensino das línguas na Europa. Melhorar a aprendizagem das línguas não só se tornou um dos objetivos chave do quadro estratégico para a cooperação europeia em matéria de Educação e Formação (ET 2020), como significa, também, o facilitar da mobilidade além fronteiras de cidadãos da UE, como realçado na estratégia global da União Europeia – “Europa 2020”.

O relatório “Números-Chave do Ensino das Línguas nas Escolas da Europa 2012” consiste numa publicação conjunta entre a Eurydice e o Eurostat, tendo sido realizada em cooperação estreita com a Comissão Europeia. Os anos de referência e os países abrangidos no relatório dependem da fonte de informação. A informação recolhida pela Eurydice abrange todos os países da União Europeia, assim como países do Espaço Económico Europeu, Croácia e Turquia, tendo como ano de referência 2010/11. Os indicadores da Eurydice fornecem, essencialmente, informações sobre as políticas e as recomendações em vigor nos países europeus que influenciam o ensino das línguas estrangeiras. Os indicadores do Números-Chave recolhido a partir do inquérito IECL abrangem 15 sistemas educativos. Os dados do Eurostat abrangem os mesmos países que os dados da Eurydice, no entanto a informação reporta ao ano 2009/10.

Esta brochura fornece um resumo das principais conclusões do relatório.

O que é a Rede Eurydice

A Rede Eurydice disponibiliza informações e análises das políticas e dos sistemas educativos europeus. É constituída por 38 Unidades Nacionais com sede em 34 países que participam no Programa da União Europeia “Aprendizagem ao Longo da Vida” (Estados-Membros da UE, países da EFTA, Croácia, Sérvia e Turquia) sendo coordenada e gerida pela Agência de Execução relativa Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA) da União Europeia, em Bruxelas, que elabora as suas publicações e bases de dados.



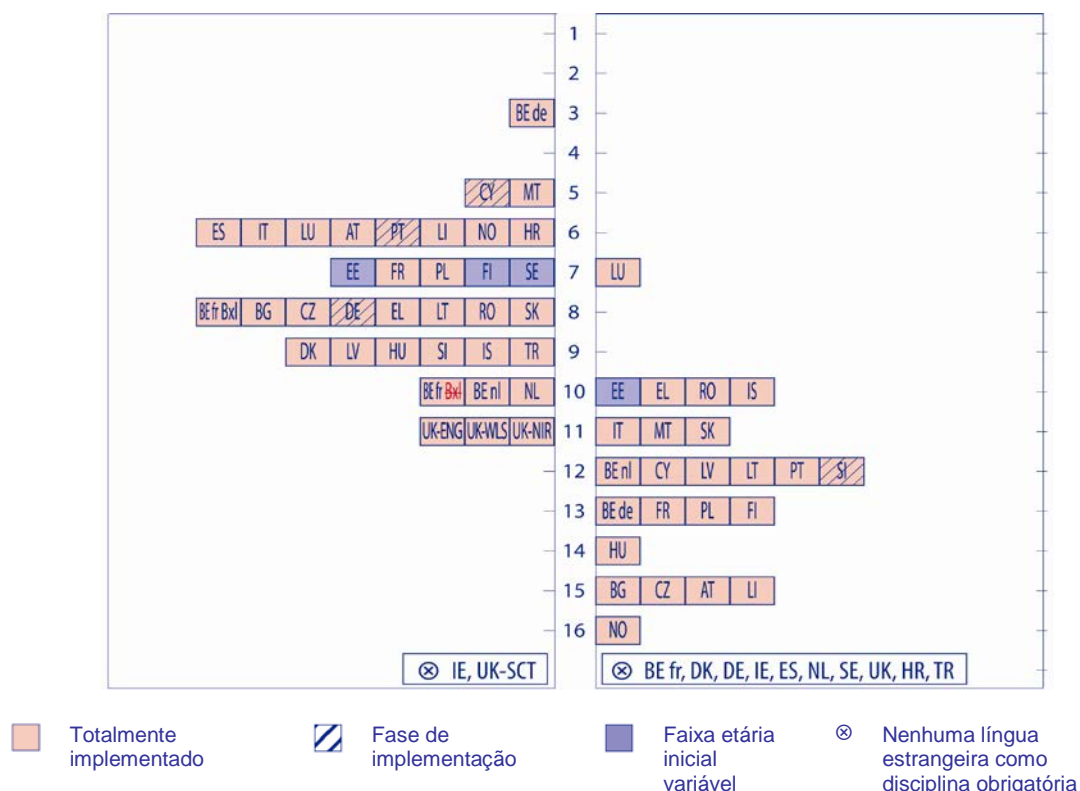
OS ALUNOS INICIAM A APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA NUMA IDADE CADA VEZ MAIS PRECOCE

Na Europa, os alunos têm geralmente entre 6 e 9 anos de idade quando iniciam a aprendizagem de uma língua estrangeira. Na Bélgica (comunidade falante de alemão), os alunos são cada vez mais novos e começam a aprender a sua primeira língua estrangeira a partir dos 3 anos de idade. De facto, foram introduzidas reformas, nos anos recentes, tendo em vista o início da aprendizagem de uma língua estrangeira numa idade mais precoce.

De 2004/05 a 2009/10, a percentagem de alunos que frequentavam o ensino primário e não aprendiam uma língua estrangeira diminuiu de 32.5% para 21.8%. No entanto, vale a pena referir que, enquanto a idade com que os alunos iniciam a aprendizagem de uma língua estrangeira diminuiu, o tempo letivo não aumentou significativamente. Na realidade, o tempo letivo dedicado ao ensino de línguas estrangeiras é relativamente baixo quando comparado com outras disciplinas.

Idade em que todos os alunos iniciam a aprendizagem da primeira e da segunda línguas estrangeiras como disciplina obrigatória na educação pré-escolar, no ensino básico e no ensino secundário, 2010/11

Primeira língua estrangeira como disciplina obrigatória Faixa etária Segunda língua estrangeira como disciplina obrigatória



Fonte: Eurydice

MAIS ALUNOS APRENDEM DUAS LÍNGUAS

Na maioria dos países europeus, aprender duas línguas estrangeiras durante pelo menos um ano ao longo da escolaridade obrigatória é obrigatório para todos os alunos. Em média, em 2009/10, 60.8% dos alunos que frequentavam o ensino secundário inferior, na Europa, encontravam-se a aprender duas ou mais línguas estrangeiras. Isto significa um aumento de 14.1% comparado com 2004/05.

No ensino secundário superior, na maioria dos países, existe uma diferença significativa entre a percentagem de alunos que se encontram a aprender duas ou mais línguas estrangeiras no ensino ,via regular (59.4%) e no ensino pré-vocacional/vocacional (39.4%).

INGLÊS É DE LONGE A LÍNGUA ESTRANGEIRA DOMINANTE NA EUROPA

Inglês é de longe a língua estrangeira mais ensinada em praticamente todos os países, iniciando-se no ensino primário. A tendência, desde 2004/05, mostra um aumento na percentagem de alunos que aprendem inglês ao longo de todos os níveis de ensino. Em 2009/10, em média, 73% dos alunos que frequentavam o ensino primário na UE encontravam-se a aprender inglês.

No ensino secundário inferior e superior, via regular, a percentagem excede os 90%. No ensino secundário superior pré-vocacional e vocacional, atinge os 74,9%. No global, entre os países analisados, o inglês é a língua obrigatória em 14 países ou regiões.

Línguas estrangeiras obrigatórias específicas , tal como definido pelas autoridades educativas centrais (a dado momento ao longo da escolaridade obrigatória a tempo inteiro), 1992/93, 2002/03, 2006/07, 2010/11

	BE fr	BE de	BE nl	BG	CZ	DK	DE	EE	IE	EL	ES	FR	IT	CY	LV	LT	LU	HU
2010/11		▲●	▲●			●	●		⊗	●			●	●▲			■▲●	
2006/07		▲	▲●			●	●		⊗	●			●	●▲			■▲●	
2002/03		▲	▲●			●	●		⊗	●				●▲	●		■▲●	
1992/93		▲	▲●			●	●		⊗	●				●			■▲●	

	MT	NL	AT	PL	PT	RO	SI	SK	FI	SE	UK-ENG/ WLS/NIR	UK- SCT	IS	LI	NO	HR	TR
2010/11	●	●							fi/sc	●		⊗	● di	●▲	●		
2006/07	●	●							fi/sc	●		⊗	● di	●	●		
2002/03	●	●							fi/sc	●		⊗	● di	●	●		
1992/93	●	●							fi/sc	●			di ●		●		

● inglês ▲ francês ■ alemão ⊗ Não existem línguas estrangeiras obrigatórias ■ Não existem línguas estrangeiras obrigatórias específicas

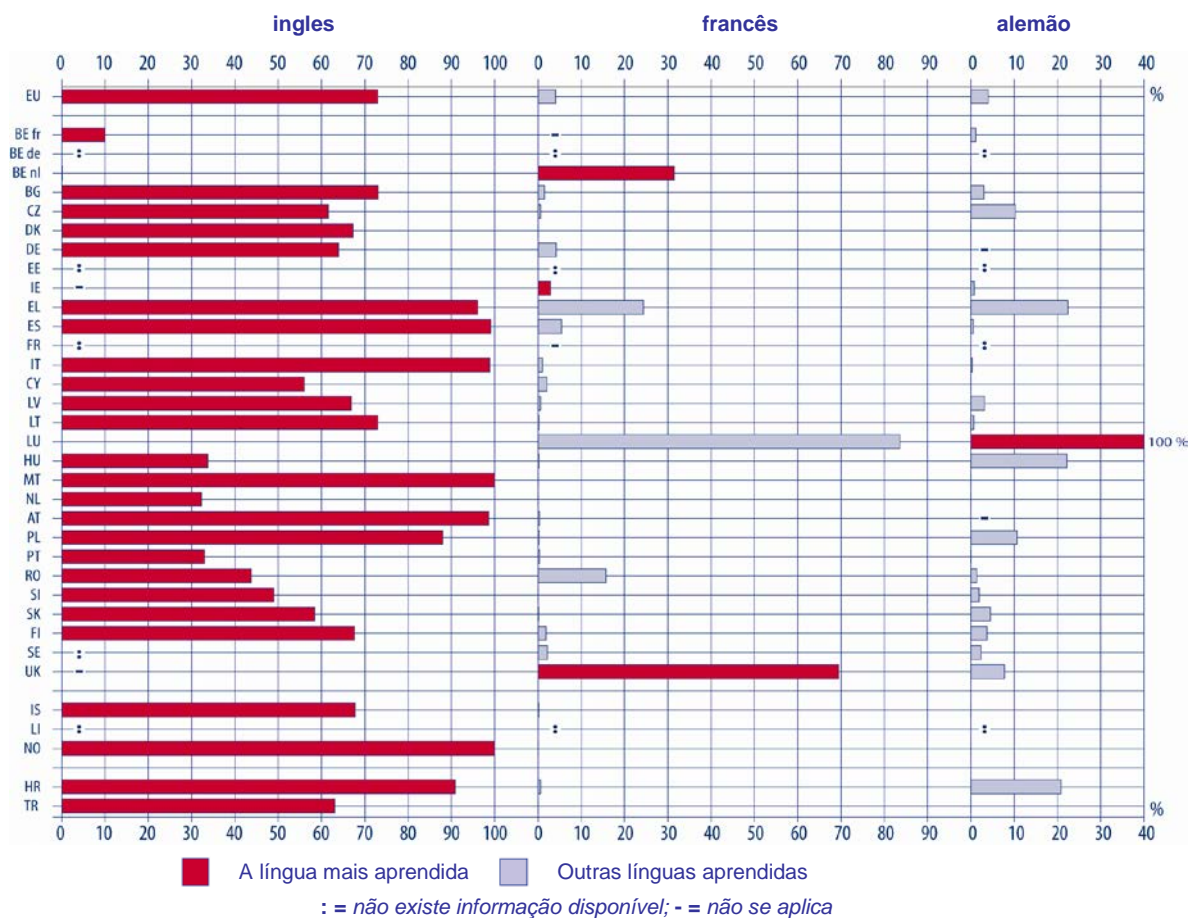
fi = finlandês ; sc = sueco; di = dinamarquês

Fonte: Eurydice.

Na maioria dos países, o inglês é seguido ou pelo alemão ou pelo francês como a segunda língua estrangeira mais ensinada. O espanhol ocupa a terceira ou a quarta posição das línguas mais ensinadas num número significativo de países, especialmente no ensino secundário superior.

O mesmo acontece com o italiano mas num número inferior de países. O russo é a segunda língua mais ensinada na Letónia e Lituânia onde vastas comunidades de falantes de russo residem, assim como na Bulgária no ensino secundário inferior.

Percentagem de todos os alunos no ensino primário que se encontram a aprender inglês, francês e/ou alemão. Países onde uma destas línguas é a mais aprendida, 2009/10



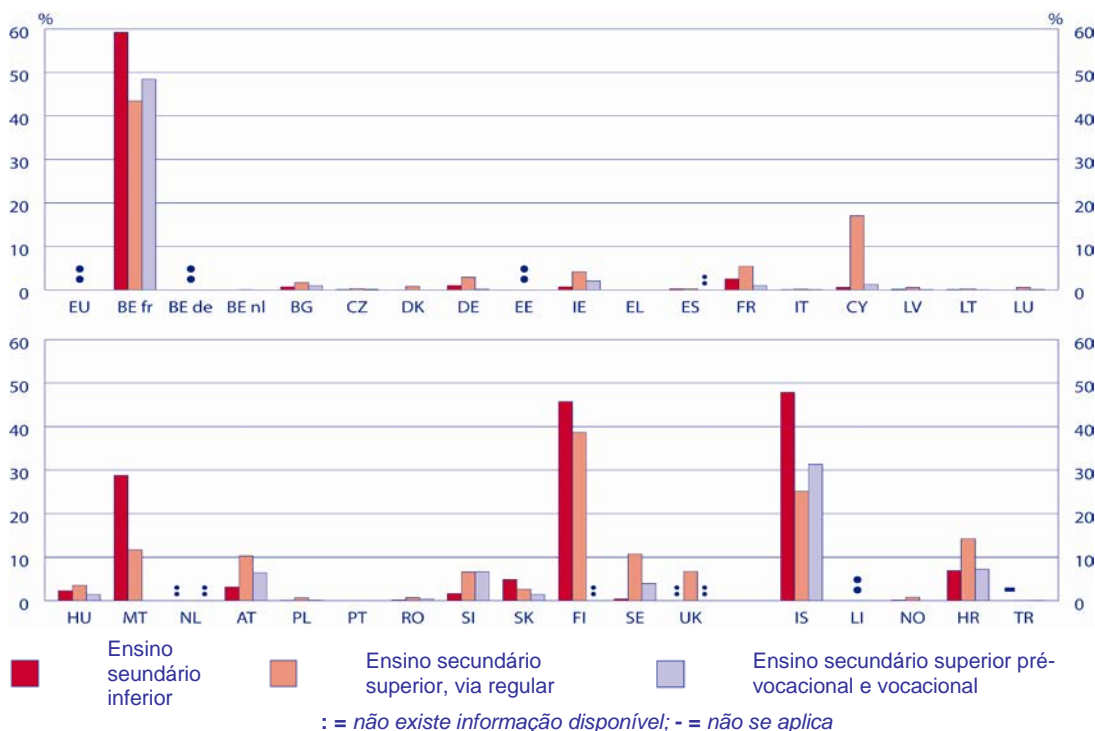
Fonte: Eurostat, UOE.

SÃO MUITO POUCOS OS PAÍSES QUE APRENDEM OUTRAS LÍNGUAS QUE NÃO O INGLÊS, FRANCÊS, ESPANHOL, ALEMÃO OU RUSSO

Em 2009/10, a percentagem de alunos que se encontravam a aprender outra língua que não inglês, francês, espanhol, alemão ou russo era inferior a 5%, na maioria dos países, e num número significativo a percentagem foi inferior a 1%.

Os países com as percentagens mais elevadas de alunos que se encontram a aprender outra língua que não seja uma das cinco principais foram aqueles onde a língua alternativa era obrigatória. Inclui-se neste grupo o sueco ou o finlandês na Finlândia e o dinamarquês na Islândia.

Línguas estrangeiras, para além do alemão, inglês, espanhol, francês e russo, aprendidas por alunos no ensino secundário, enquanto percentagem de todas as línguas aprendidas neste nível de ensino, 2009/10



Fonte: Eurostat, UOE.

A PERCEÇÃO QUE OS ALUNOS TÊM DA UTILIDADE DA LÍNGUA É UM FATOR MOTIVACIONAL NA APRENDIZAGEM – SENDO QUE O INGLÊS É ENTENDIDO DE LONGE COMO A LÍNGUA MAIS ÚTIL

A percepção dos alunos relativamente à utilidade das línguas que podem aprender contribui claramente para o aumento da sua motivação. Em 15 dos países ou regiões participantes no Inquérito Europeu sobre Competências Linguísticas (IECL) a percentagem de alunos, em média, que consideram útil aprender Inglês para a sua educação futura, para o seu trabalho ou mesmo para conseguirem um trabalho, é mais elevada que a percentagem daqueles que consideram o inglês útil para a sua vida pessoal. Estas percentagem diminuem de forma significativa para outras línguas.

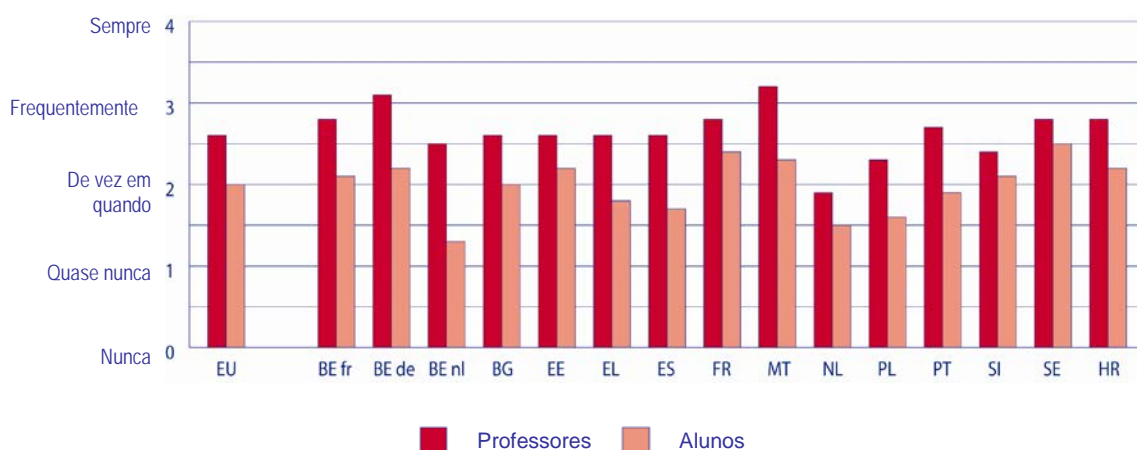
Para além da percepção de utilidade, organizar visitas de estudos ou excursões relacionadas com o ensino da língua estrangeira pode também ser uma forma de motivar os alunos para aprender línguas estrangeiras. Em média, só 28.1% dos alunos, nos 17 países ou regiões participantes no IECL, afirmam ter participado em atividades desse âmbito nos últimos três anos. As percentagens mais elevadas são encontradas na Bélgica (comunidade francófona) e nos Países Baixos (38.5%), e as mais baixas na Suécia (13.2%).

AS ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS COLOCAM ENFÂSE EM TODAS AS COMPETÊNCIAS COMUNICACIONAIS – NO ENTANTO, TANTO OS PROFESSORES COMO OS ALUNOS RARAMENTE UTILIZAM A LÍNGUA ESTRANGEIRA NA SALA DE AULA

Numa dúzia de países ou regiões o currículo recomenda que os professores coloquem mais ênfase nas competências orais (i.e., competência para ouvir e falar) quando se inicia o ensino de línguas estrangeiras a alunos mais novos. Todavia, no final da escolaridade obrigatória as quatro competências comunicacionais (ouvir, falar, ler e escrever) têm igual importância em praticamente todos os currículos.

Apesar das evidências sugerindo que quanto mais contato os alunos tiverem com línguas estrangeiras, maior é a sua proficiência, em quase todos os países ou regiões que participam no IECL, e de acordo com os alunos, os professores, em regra, não usam a língua estrangeira na sala de aula, embora a usem em algumas ou mesmo muitas situações.

Frequência do uso da língua estrangeira na sala de aula por parte de professores e de alunos, 2010/11



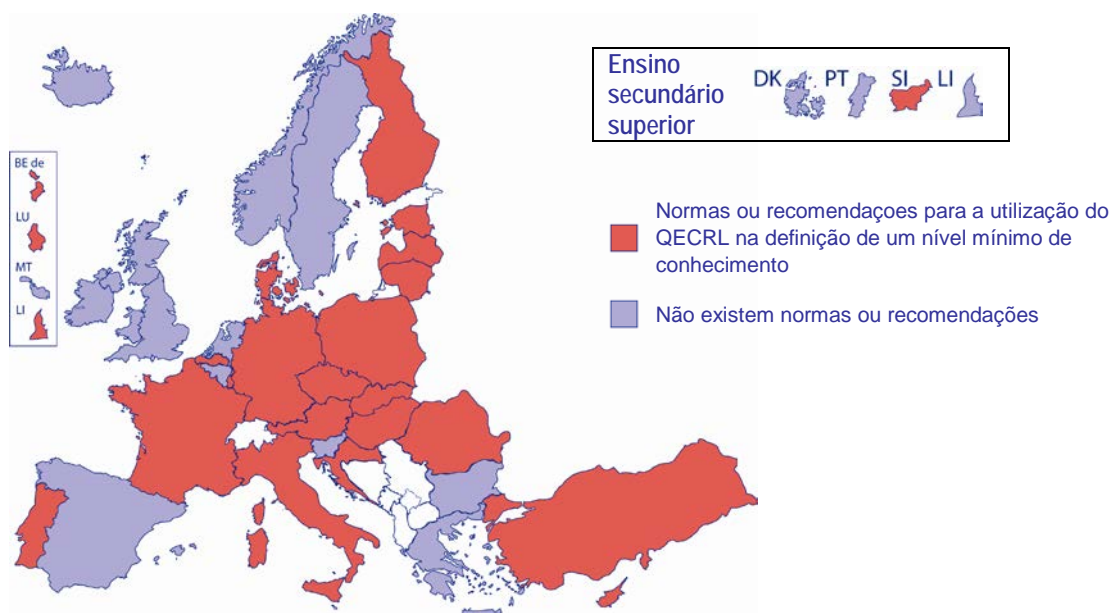
Fonte: ESLC 2011.

QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS (QECRL) ESTÁ A TORNAR-SE NA PRINCIPAL FERRAMENTA NA DEFINIÇÃO DOS NÍVEIS DE CONHECIMENTO DOS ALUNOS

Na maioria dos países europeus, as orientações oficiais para o ensino das línguas fixam níveis mínimos de conhecimento para o ensino da primeira e da segunda língua estrangeira. Estes níveis correspondem a seis níveis de proficiência definidos pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, publicado pelo Conselho da Europa em 2001.

O QECRL define seis níveis de proficiência (A1, A2, B1, B2, C1, C2), onde A corresponde ao utilizador básico, B ao utilizador independente e C ao utilizador proficiente. No final do ensino obrigatório, via regular, as orientações oficiais, na maioria dos países, definem o nível mínimo entre A2 e B1 para a primeira língua estrangeira e entre A1 e B1 para a segunda.

Existência de recomendações sobre a utilização do QECRL na definição de níveis mínimos de conhecimento no final da escolaridade obrigatória, via regular e a tempo inteiro, ou no final do ensino secundário inferior ou superior, via regular, 2010/211

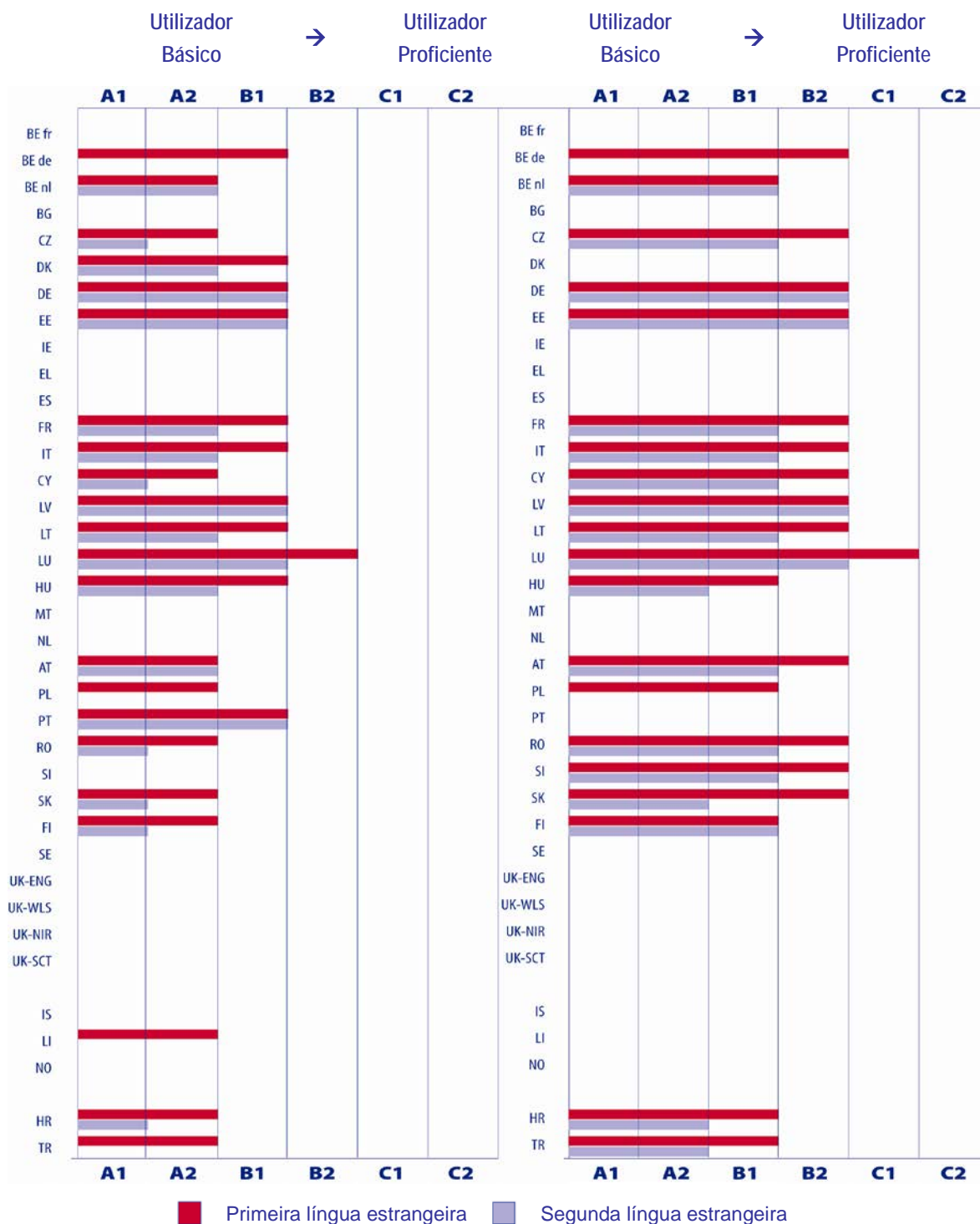


Fonte: Eurydice.

Níveis mínimos de conhecimento esperados, com base no QECRL, para a primeira e segunda línguas estrangeiras 2010/11

Final da escolaridade obrigatória ou do ensino secundário inferior, via regular e a tempo inteiro

Final do ensino secundário superior via regular



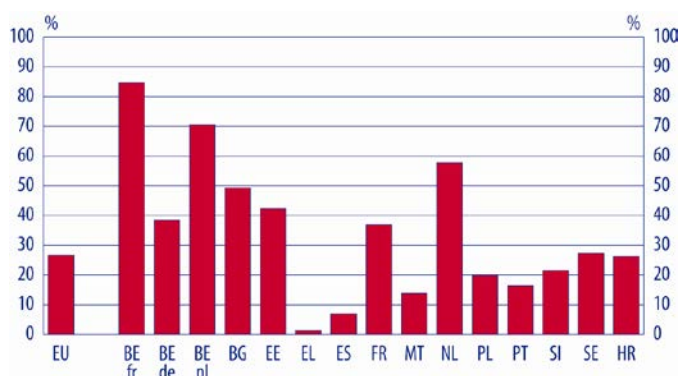
Fonte: Eurydice.

OS DIRETORES DE ESCOLA AFIRMAM TER DIFICULDADE NO PREENCHIMENTO DE VAGAS PARA PROFESSORES DE LÍNGUAS

Nos países participantes no IECL, cerca de 25% dos alunos, em média, frequentam uma escola onde os diretores reportaram ter dificuldades no preenchimento de vagas para professores ou na substituição de professores de línguas, na ausência destes.

Esta média, esconde, no entanto, grandes diferenças entre os países. A situação mais crítica é encontrada na Bélgica (comunidade francófona) onde 84.6% dos alunos frequentam uma escola onde o diretor afirma ter dificuldades.

Percentagem de alunos que frequentam uma escola onde o diretor reportou ter dificuldades em preencher as vagas para professores, ou em substituir professores ausentes, na língua estrangeira analisada e nos últimos 5 anos, 2010/11

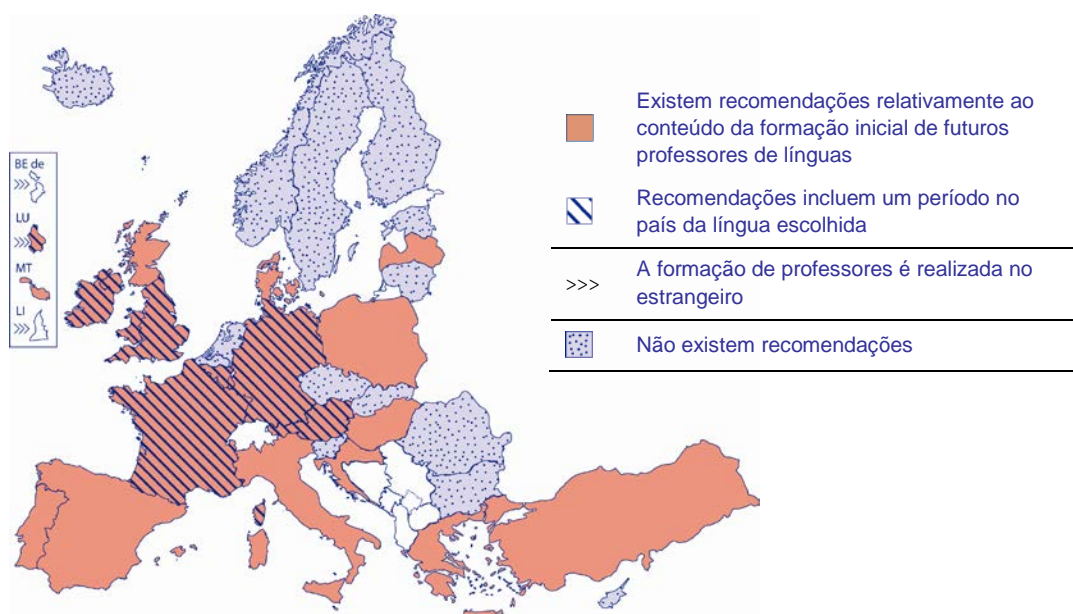


Fonte: ESLC 2011.

SÃO POUCOS OS PAÍSES QUE EXIGEM AOS FUTUROS PROFESSORES UM PERÍODO DE IMERSÃO NO PAÍS DA LÍNGUA ESCOLHIDA

Só em alguns países as orientações oficiais recomendam que os futuros professores de línguas passem um período de formação num país onde a língua que irão ensinar é falada. Em media, 53.8% dos professores de línguas estrangeiras que participaram no ESLC afirmaram ter passado mais do que um mês

num país onde a língua que ensinam é falada, com o objetivo de estudar ou fazer um curso. Esta média, no entanto, mascara grandes variações entre países: enquanto 79.7% dos professores espanhóis o fizeram, na Estónia foram apenas 11%.



Fonte: Eurydice.